

**FINANÇAS PESSOAIS: UM ESTUDO COM ALUNOS DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DE
UMA IES PRIVADA DE SANTA MARIA – RS**

**PERSONAL FINANCE: A STUDY WITH STUDENTS OF SCIENCES ACCOUNTING FACULTY OF A
PRIVATE INSTITUTION FROM SANTA MARIA – RS**

**FINANZAS PERSONALES: UN ESTUDIO CON ALUMNOS DEL CURSO DE CIENCIAS CONTABLES
DE UNA INSTITUCIÓN PRIVADA DE SANTA MARIA – RS**

Flaviani Souto Bolzan Medeiros

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Maria

Bolsista do CNPq

Endereço: Av. Roraima, 1000, Centro de Tecnologia – sala 305, CEP: 97105-900. Santa Maria, RS, Brasil

Telefone: (55) 9604-5878

E-mail: flaviani.13@gmail.com

Taize de Andrade Machado Lopes

Coordenadora e Professora Assistente do Curso de Ciências Econômicas do Centro Universitário Franciscano Mestre em Integração Latino-Americana pela Universidade Federal de Santa Maria

Endereço: Rua Silva Jardim, 1175, prédio 13, sala 2018, Centro, CEP: 97010-491. Santa Maria, RS, Brasil

Telefone: (55) 3025-9016

E-mail: taize@unifra.br

Artigo recebido em 20/02/2014. Revisado por pares em 16/06/2013. Reformulado em 02/08/2013. Recomendado para publicação em 03/08/2014 por Ademar Dutra (Editor Científico). Publicado em 29/08/2014. Avaliado pelo Sistema *double blind review*.



RESUMO

Este artigo tem como objetivo verificar o comportamento dos alunos do Curso Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior privada de Santa Maria – RS, no que diz respeito as suas finanças pessoais. Metodologicamente, adotou-se uma pesquisa quantitativa, do tipo descritiva com dados obtidos por meio da aplicação de um questionário em uma amostra de 178 alunos. Os resultados apontaram que a maioria dos alunos pesquisados demonstrou ter consciência dos rendimentos ganhos, bem como saber lidar com suas finanças pessoais. Salienta-se ainda que, geralmente, costumam pagar as suas compras à vista, utilizando o dinheiro como forma de pagamento.

Palavras-chave: Finanças pessoais; Planejamento financeiro; Educação financeira.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the behavior of students of the Undergraduate Accounting Program of a private institution of higher education in Santa Maria – RS, regarding their personal finances. Methodologically, we adopted a quantitative and descriptive research, with data obtained through a questionnaire in a sample of 178 students of the course previously mentioned. The results showed that most students surveyed have demonstrated awareness their income received, and they can handle their own personal finances. It is highlighted that generally they tend to pay for their purchases in cash.

Keywords: Personal finance; Financial planning; Financial education.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo verificar el comportamiento de los alumnos del Curso Ciencias Contables de una Institución Privada de Educación Superior de Santa Maria – RS, a respecto de sus finanzas personales. Metodológicamente fue adoptada una investigación cuantitativa del tipo descriptiva, con datos obtenidos a través de la aplicación de un cuestionario en una muestra de 178 alumnos del referido curso. Los resultados apuntarán que la mayoría de los alumnos investigados demostró tener conciencia de sus ingresos, y también saber cómo lidiar con sus finanzas personales. Señalase que generalmente tienen la costumbre de pagar por lo que compran utilizando dinero como forma de pago.

Palabras-clave: Finanzas personales; Planeamiento financiero; Educación financiera.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea em um mundo globalizado, o mercado está cada vez mais competitivo, com rápidas e profundas transformações, em um processo constante de evolução tecnológica e de estratégias (DALFOVO; SCHIRMANN; CORREIA, 2010; SCHMITT; HAYDE; DREHER, 2013; TAVARES; CASTRO, 2013; OLIVEIRA; TERRA, 2013).

Deste modo, questões de ordem macroeconômica como inflação, taxas de juros e carga tributária impactam diretamente as decisões econômicas de toda sociedade, podendo alterar não só resoluções dos setores empresariais, mas decisões referentes ao planejamento financeiro das famílias. Contudo, não se pode esperar que esse impacto seja homogêneo, pois há diferenças nas consequências de decisões econômicas para os diferentes setores e pessoas, já que elas encontram-se em situações financeiras diversas.

Nesse novo cenário, os indivíduos precisam dominar um conjunto amplo de propriedades formais que proporcione uma compreensão lógica e sem falhas das forças que influenciam o ambiente e as suas relações com os demais. O domínio de parte dessas propriedades é obtido através de uma educação financeira, entendida como um processo de transmissão de conhecimento que permite o desenvolvimento de habilidades para que possam tomar decisões financeiras responsáveis, aprimorando o gerenciamento de suas finanças pessoais (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007; ALTMAN; 2012; SIMKOVA; STEPANEK, 2013).

Sob essa perspectiva, a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2004) acrescenta que a educação financeira sempre foi importante aos consumidores, visando a auxiliá-los a orçar e gerir sua renda, como também para poupar e investir, além de evitar que os mesmos se tornem vítimas de fraudes. Especialistas concordam que, geralmente, as pessoas não têm o conhecimento financeiro necessário para tomar decisões financeiras pessoais importantes (BRAUNSTEIN; WELCH, 2002; PERRY, 2008). Entretanto, nos últimos anos, sua crescente relevância vem acontecendo em função do desenvolvimento dos mercados financeiros, bem como pelas mudanças de ordem demográfica, econômica e política.

Way e Holden (2009) apontam que a educação financeira deixou de ser uma preocupação apenas do setor privado, e passou a ser uma questão de política pública nacional, pois se torna cada vez mais evidente que as decisões financeiras individuais afetam coletivamente a economia nacional. Por isso, a opinião pública tem abraçado a ideia de que o ensino de finanças pessoais nas escolas é um fator fundamental para melhorar os problemas de endividamento enfrentados por grande parte da população mundial (BERNARD, 2010; BERNANKE, 2011; LOIBL; FISHER, 2013).

Mandell (2008) reforça essa ideia ao citar que pesquisas e testes com estudantes do Ensino Médio revelaram que está faltando conhecimento financeiro. Neste sentido, o estudo de Bernheim, Garrett e Maki (2001) relatou os efeitos positivos sobre o comportamento de poupança e construção de ativos entre os jovens adultos que receberam educação financeira no Ensino Médio. Shim et al (2010) corroboram sobre a importância das finanças pessoais nessa fase, porque consideram que os hábitos financeiros positivos ou negativos que se formam durante a transição para a idade adulta tendem a persistir durante toda esta última.

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo verificar o comportamento dos alunos do Curso Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior privada de Santa Maria – RS, no que diz respeito as suas finanças pessoais. Este estudo justifica-se pelo fato de que os indivíduos não vivem isoladamente e, para acumular patrimônio e atingir sua independência financeira, é necessário poupar, fazendo sobrar dinheiro dentro de determinado período de tempo. Para isso, é preciso aprender a gastar menos do que se ganha, assim como controlar seus gastos, viver dentro do orçamento que dispõe e planejar, a curto e longo prazo, suas finanças pessoais.

O artigo apresenta-se estruturado da seguinte forma: imediatamente após a introdução encontra-se disposto uma breve discussão acerca das finanças pessoais e educação financeira, em seguida, a questão do planejamento financeiro pessoal e familiar. Na sequência, discorre-se sobre a metodologia utilizada para elaboração do estudo. Logo após, segue a análise e discussão dos resultados, trazendo o comportamento dos alunos em relação às finanças pessoais, desmembrando-se em: decisões de consumo; formas de

pagamento das compras; e, ainda, endividamento pessoal e educação financeira. Por fim, encerra-se o trabalho com as considerações finais.

2 FINANÇAS PESSOAIS E EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Finanças pessoais é a ciência que estuda a aplicação de conceitos financeiros nas decisões financeiras de uma pessoa ou família. Em finanças pessoais são considerados os eventos financeiros de cada indivíduo, bem como sua fase de vida para auxiliar no planejamento financeiro (CHEROBIM; ESPEJO, 2010). Segundo Gava (2004, p. 12), “para começar a entender finanças pessoais é preciso ter essa ideia principal que estrutura a sociedade capitalista, de forma que o dinheiro tem caráter de mercadoria, e como mercadoria, possui um preço”.

Pires (2006) enfatiza que, em uma economia baseada no sistema de moeda e crédito, entende-se por finanças pessoais o manejo do dinheiro, seja ele próprio e/ou de terceiros, a fim de se obter acesso às mercadorias, como também alocação de recursos físicos - força de trabalho e ativos pertencentes ao indivíduo - com o propósito de se obter dinheiro e crédito. Portanto, em síntese, como ganhar bem e gastar bem são os problemas com que tratam as finanças pessoais.

A educação financeira é comumente definida como a capacidade dos indivíduos de tomar decisões apropriadas na gestão das suas finanças pessoais. Deste modo, a educação financeira e as finanças pessoais referem-se ao conjunto de habilidades e conhecimentos que permite ao indivíduo tomar decisões eficazes com todos os seus recursos financeiros (HSU-TONG *et al*, 2013). Domingos (2007) esclarece que o sucesso financeiro não depende de quanto cada indivíduo ganha, mas de como ele lida com o que ganha. Uma das primeiras lições da educação financeira é saber dar valor ao dinheiro.

Diante deste cenário de grandes mudanças em um curto espaço de tempo, é fundamental que seja dispensada atenção à forma com que os indivíduos estão interagindo com elas. A qualidade das decisões financeiras particulares pode influenciar toda a economia, e estão intimamente ligados a esta questão problemas como: a inadimplência, endividamento familiar, falta de capacidade de planejamento de longo prazo (VIEIRA *et al*, 2009, p. 3).

Por isso, Neu, Silva e Gomez (2008) consideram que a educação financeira pode melhorar o conhecimento financeiro e as competências individuais de cada pessoa, porque

ela pode agir de maneira preventiva para os desafios financeiros e como um mecanismo de proteção para lidar com suas finanças pessoais. Vieira *et al* (2009, p. 3) complementam que “a educação financeira desenvolve habilidades que facilitam as pessoas tomar decisões acertadas e fazer boa gestão de suas finanças pessoais”.

O equilíbrio financeiro, por sua vez, depende, em primeiro lugar, da redução dos pequenos gastos e despesas. É interessante destacar que, enquanto se estiver alimentando uma planilha é possível fazer, paralelamente, uma série de reflexões sobre o estilo de vida e o padrão de consumo. Isso porque dinheiro não é apenas uma questão de números, da mesma forma em que se precisa ter uma visão microscópica em relação aos números, o ideal é também desenvolver uma visão precisa das motivações e impulsos que estão por trás do padrão de consumo (DOMINGOS, 2007).

No entanto, Kobori (2011) aponta que todas as pessoas, assim como as empresas, estão sujeitas à influência das políticas macroeconômicas, sejam elas globais e/ou nacionais. A estabilidade econômica brasileira foi atingida com o Plano Real, em 1994, e o principal motivo de seu sucesso foi reduzir a inflação a níveis civilizados e, com isso, dar capacidade de planejamento, tanto para as pessoas como também para as empresas.

Mas, segundo Hoji (2010), não existe uma fórmula geral que sirva indistintamente para todos, pois cada um pode e deve adaptar técnicas de gestão financeira e instrumentos financeiros existentes às suas condições peculiares. Cabe ressaltar que o planejamento financeiro pessoal e familiar não exige cálculos complexos, mas uma boa dose de disciplina e alguns sacrifícios e renúncias temporárias, que nada mais são do que o adiamento do consumo (HOJI, 2010).

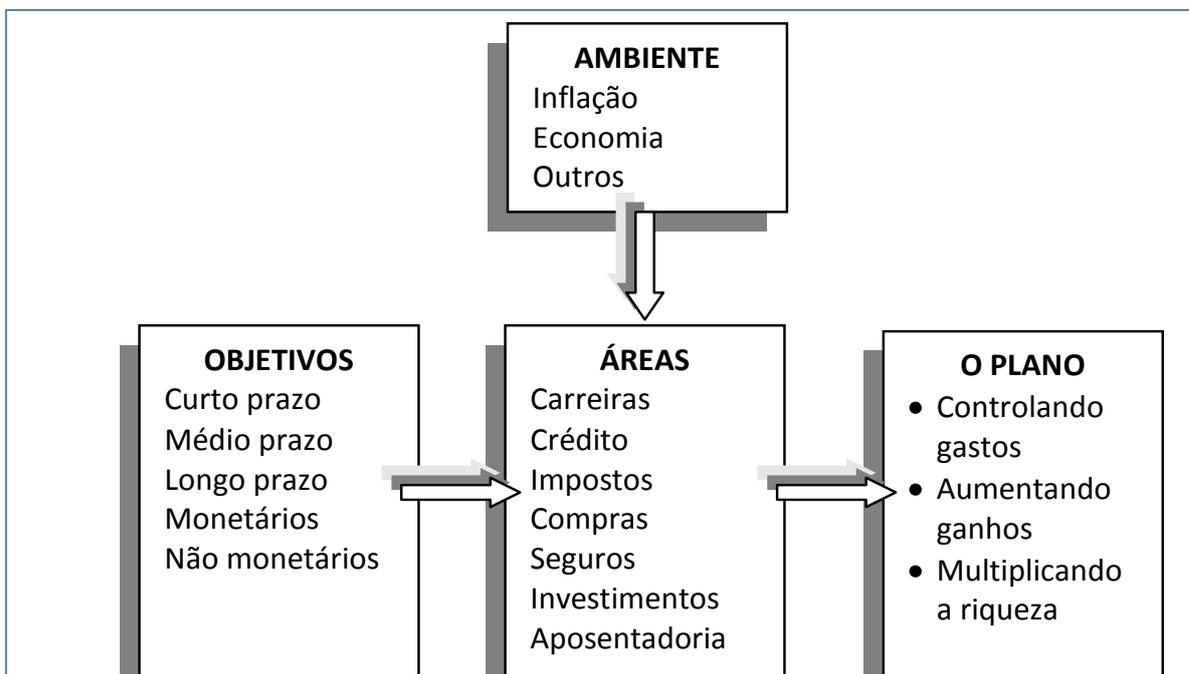
2.1 PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL E FAMILIAR

Planejamento financeiro pessoal e familiar é a explicitação das formas como se viabilizarão recursos necessários para atingir os objetivos almejados. A compreensão da realidade financeira, as necessidades da família, a priorização dessas necessidades por um lado, e a quantificação dos recursos disponíveis para satisfazê-las, por outro lado (salário, aluguéis, rendimentos financeiros, etc.), facilitam a elaboração desse planejamento (CHEROBIM; ESPEJO, 2010).

De acordo com Eid Júnior e Garcia (2005), é por meio do planejamento que se conhece em detalhes os ganhos, além de aprender a poupar, gastar adequadamente e controlar as finanças para atingir os objetivos pretendidos. O planejamento financeiro é, mais do que nunca, fundamental para uma vida equilibrada e saudável. O ponto inicial para desenvolver um plano financeiro adequado é o conhecimento dos valores, objetivos e prioridades, tanto pessoais como da família. Os objetivos devem refletir honestamente os desejos e necessidades ao longo da vida, juntamente com as possibilidades de atingi-los (EID JÚNIOR; GARCIA, 2005).

Os autores enfatizam, ainda, que um bom modelo de planejamento financeiro deve levar em conta todos os fatores que podem ter impacto sobre a vida financeira do indivíduo e, inclusive, propõe um modelo de planejamento financeiro, visualizado na Figura 1.

Figura 1 - Modelo de planejamento financeiro



Fonte: Adaptado Eid Júnior e Garcia (2005).

Verifica-se, na Figura 1, que o desenvolvimento do plano financeiro inicia-se com a definição dos objetivos para diferentes períodos da vida e, em seguida, define-se o comportamento para as diferentes áreas do planejamento, como escolha da carreira, gestão

de crédito e seguros. Os fatores externos também são analisados e inseridos no plano e, assim, tudo conduz ao plano financeiro propriamente dito (EID JÚNIOR; GARCIA, 2005).

Cherobim e Espejo (2010) complementam que, uma vez estabelecidos os objetivos de curto, médio e longo prazo, é necessário fazer o diagnóstico da situação atual, tais como: fontes de renda, características familiares que levam ao aumento ou diminuição dos rendimentos, e características familiares que levam a um perfil de despesas e capacidade de poupança. Para os autores, essas são linhas gerais que vão consubstanciar em um orçamento, ou seja, registro sistemático das entradas e saídas de recursos da pessoa e/ou família.

Para isso, Luquet e Assef (2006) citam que há muitos exemplos de planilhas de orçamento e, uma delas, bastante adotada, divide os gastos em três tipos: fixos, variáveis e arbitrários, a saber: (1) os gastos fixos são aqueles que têm o mesmo montante todo mês; (2) já os variáveis são aquelas contas que se paga todo mês, mas podem ter valores diferentes, como a luz, telefone etc.; (3) e os arbitrários são todos aqueles em que não se precisa fazer mensalmente, mas se faz (são os gastos com roupas, teatro, etc.).

Todavia, Vahidov e He (2010) alertam que, sem uma gestão adequada, é difícil para os indivíduos aderir a um plano financeiro; deste modo, para controlar os gastos e economizar, se faz necessário seguir um planejamento. Portanto, pode-se dizer que o planejamento é algo extremamente importante para conseguir ter disciplina com relação aos gastos, despesas e ganhos. Assim é possível, através dele, ter um controle dos mesmos e, a partir disso, estabelecer objetivos, tanto de curto quanto de longo prazo.

3 METODOLOGIA

Quanto à natureza, a presente pesquisa caracteriza-se como quantitativa, pois, segundo Pizzinatto e Farah (2012), predominam as mensurações e remete para uma explanação das causas por meio de medidas objetivas, utilizando-se basicamente da estatística. Nestes termos, transformou-se a vida social em números. Em relação aos objetivos, o estudo classifica-se como descritivo, onde se observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou variáveis sem manipulá-los. Procura-se descobrir, com a maior

precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, bem como sua natureza e características (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

A respeito do instrumento de coleta dos dados adotado, o mesmo foi desenvolvido com base no questionário elaborado por Trindade (2009), sendo composto por 24 (vinte e quatro) perguntas fechadas, onde 7 (sete) delas são referentes ao perfil dos pesquisados e 17 (dezesete) remetem aos itens relacionados às finanças pessoais dos alunos pesquisados. A respeito do plano de coleta dos dados, para se definir o tamanho da amostra do total de alunos matriculados no Curso de Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior privada de Santa Maria – RS utilizou-se, entre os métodos existentes, o proposto por Martins (2011), que pode ser obtido por meio da seguinte fórmula:

$$n = \frac{z_{\alpha/2}^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot N}{d^2 (N - 1) + z_{\alpha/2}^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q}} \quad (1)$$

Onde:

$z_{\alpha/2} = 1,96$ (abscissa da Distribuição Normal Padrão - valor tabelado)

N = tamanho da população (330 alunos)

p = estimativa da proporção (50% - percentual estimado)

$q = 1 - p$ (complemento de p)

d = erro amostral (5%)

Para fins de estudo obteve-se, pelo cálculo realizado, uma amostra de 178 alunos, considerando um nível de confiança de 95% e uma margem de erro amostral de 5%. Os dados obtidos foram tabulados com o auxílio do *software* Sphinx Léxica – V5, e os resultados foram analisados por meio de estatística descritiva.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo será apresentada a análise a partir dos dados obtidos com os alunos pesquisados do Curso de Ciências Contábeis. Assim sendo, com relação ao perfil, este estudo contemplou todos os semestres do curso. Deste modo, é possível verificar, na Tabela 1, a distribuição correspondente ao percentual de alunos em cada semestre.

Tabela 1 - Semestre que está cursando

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
1º	26	26	14,6%	14,6%
2º	13	39	7,3%	21,9%
3º	14	53	7,9%	29,8%
4º	19	72	10,7%	40,5%
5º	31	103	17,4%	57,9%
6º	29	132	16,3%	74,2%
7º	22	154	12,3%	86,5%
8º	24	178	13,5%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Verifica-se, na Tabela 1, que a distribuição dos alunos em cada semestre é bastante equilibrada, com média de 22 por semestre. As extremidades da pesquisa representam o 2º semestre, com um percentual de 7,3% (13), e o 5º semestre com 17,4% (31). Arnett (2004) cita que o primeiro ano de faculdade constitui uma fase importante de transição porque a maioria dos estudantes universitários ainda não são financeiramente independentes, mas estão aprendendo as habilidades necessárias para se tornar independentes em termos financeiros.

A respeito da análise de gênero na amostra pesquisada, percebe-se que o feminino predominou sobre o masculino, onde 58,4% (104) são do sexo feminino e 41,6% (74) masculino. Isso representa uma diferença de 16,8 pontos percentuais. Tais informações condizem com o Censo da Educação Superior no ano de 2009. Segundo dados disponibilizados pelo Brasil (2010), a educação superior brasileira é, predominantemente,

constituída por pessoas do gênero feminino, tanto na modalidade de ensino presencial como na EaD (Educação a Distância). Em continuidade da análise referente ao perfil, na Tabela 2 consta a idade dos alunos.

Tabela 2 - Idade

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Até 17 anos	5	5	2,8%	2,8%
De 18 a 25 anos	103	108	57,9%	60,7%
De 26 a 35 anos	58	166	32,5%	93,2%
De 36 a 45 anos	11	177	6,2%	99,4%
Mais de 46 anos	1	178	0,6%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Observa-se, na Tabela 2, que a maioria dos alunos, 57,9% (103), possui idade entre 18 a 25 anos, ou seja, pelo menos metade dos respondentes é bastante jovem. Percebe-se que, atualmente, a entrada na universidade privada está mais acessível, onde os mais jovens, mesmo possuindo renda média incompatível com o pagamento de mensalidades, fazem uso dos vários programas de bolsas institucionais ou governamentais para ingressar na universidade. Isto demonstra que estes jovens estão conscientes da importância da formação em nível superior.

No que se refere ao estado civil verificou-se que a maioria dos alunos, 75,8% (135), é de solteiros; outros 22,5% (40) são casados ou moram com companheiro(a); enquanto que 1,1% (2) são divorciado(a)/separado(a) e, ainda, 0,6% (1) é viúvo. Ao indagar se os alunos pesquisados possuem ou não filhos, nota-se que a maioria, 90,4% (161), não os possuem e, dos restantes 9,6% (17) que possuem filhos, 7,3% (13) tem apenas um; 1,7% (3) possuem dois; e apenas 0,6% (1) tem três ou mais filhos.

Em relação à religião dos alunos, a maioria, 73,6% (131) é de católicos; enquanto que 9% são espíritas; os demais 7,3%, 2,2% e 0,6% são evangélicos, possuem outra religião

(anglicana (1), evangélica luterana (1), mórmon (1) e umbanda (1)), ou são evangélicos pentecostais, respectivamente. E ainda 7,3% admitiram não ter uma religião.

Diante destes resultados pode-se afirmar que os alunos do Curso de Ciências Contábeis evidenciam a nova sociedade em que se vive atualmente, em outras palavras, as mulheres estão conquistando cada vez mais seu espaço no mercado de trabalho e, para isso, buscam se qualificar. Assim como estão deixando para cada vez mais tarde o casamento e, conseqüentemente, terem filhos, e quando optam por tê-los, possuem, em média, um apenas.

4.1 COMPORTAMENTO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO ÀS FINANÇAS PESSOAIS

No que se refere à ocupação e renda dos alunos do Curso de Ciências Contábeis seguem, na Tabela 3, os dados obtidos.

Tabela 3 - Ocupação atual

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Não está trabalhando no momento	26	26	14,6%	14,6%
Estagiário	16	42	9,0%	23,6%
Funcionário público	16	58	9,0%	32,6%
Funcionário empresa privada	119	177	66,8%	99,4%
Outra ocupação	1	178	0,6%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Constata-se, na Tabela 3, que a maioria dos alunos, 66,8% (119), trabalha em empresa privada, e apenas 0,6% (1) tem outra ocupação, no caso declarou estar trabalhando como autônomo no momento. Identificou-se, também, que a renda bruta mensal familiar dos estudantes concentra-se em R\$ 679,00 a R\$ 2.034,00, representando 46,1% (82), e de 2.035,00 a R\$ 4.068,00 com um percentual de 30,3% (54).

O restante possui, como renda, R\$ 6.103,00 ou mais, 10,1% (18); outros estão entre R\$ 4.069,00 a R\$ 6.102,00, atingindo como percentual 8,4% (15), e somente 5,1% (9) possuem renda familiar de até R\$ 678,00. Outro questionamento realizado foi em relação à renda bruta mensal do aluno. Os resultados encontram-se dispostos na Tabela 4.

Tabela 4 - Renda bruta mensal do aluno

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Até R\$ 678,00	47	47	26,4%	26,4%
De R\$ 679,00 a R\$ 2.034,00	104	151	58,4%	84,8%
De 2.035,00 a R\$ 4.068,00	21	172	11,9%	96,7%
De 4.069,00 a R\$ 6.102,00	4	176	2,2%	98,9%
R\$ 6.103,00 ou mais	2	178	1,1%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Novamente nota-se, na Tabela 4, que a faixa predominante está entre de R\$ 679,00 e R\$ 2.034,00, representando 58,4% (104). Entretanto, a segunda faixa que se destacou foi a renda de até R\$ 678,00, com um percentual de 26,4% (47). Este fato pode ser justificado considerando que os alunos ainda não terminaram o curso superior, assim, a remuneração tende a ser menor nesses casos e, também, alguns são estagiários. Desta forma, têm uma carga horária de trabalho menor na empresa, logo, a remuneração tende a ser compatível.

Independente do valor ganho, Domingos (2007) reforça que o sucesso financeiro depende da forma como se lida com o que se ganha. Por isso, a educação financeira pode trazer grandes benefícios (COLLINS, 2013; DOI; MCKENZIE; ZIA, 2014). Neu, Silva e Gomez (2008) corroboram que a educação financeira melhora o conhecimento e as competências de cada um, o que, por sua vez, além de aprimorar a forma de lidar com as finanças pessoais, também vai influenciar nas decisões de consumo.

4.1.1 DECISÕES DE CONSUMO

De acordo com Reina et al (2008, p. 34), “o processo de tomada de decisão consiste em fazer escolhas, algumas ou apenas uma entre muitas alternativas para as ações a serem realizadas”. Para Ferreira (2008), avaliar e escolher são ações básicas que se fazem presente em qualquer tipo de situação que envolva atos econômicos.

Considerando tais entendimentos no que se refere às decisões de consumo apresenta-se, na Tabela 5, como os alunos pesquisados costumam gastar a respectiva renda que possuem.

Tabela 5 - Decisões de consumo

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Casa	64	64	36,0%	36,0%
Filhos	4	68	2,2%	38,2%
Amigos	2	70	1,1%	39,3%
Familiares	5	75	2,8%	42,1%
Consigo	84	159	47,3%	89,4%
Cônjuge	4	163	2,2%	91,6%
Outro	15	178	8,4%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Observa-se, na Tabela 5, que 47,3% (84) afirmam que costumam gastar a renda que possuem consigo mesmo, enquanto 36% (64) alegam gastar seus rendimentos com a casa. Em posse destas informações, pode-se afirmar que as mesmas refletem a realidade que esses alunos se encontram, já que, na sua maioria, são solteiros e não possuem filhos, logo concentram suas despesas entre gastos pessoais e com a casa.

Analisou-se, ainda, que 8,4% (15) gastam sua renda de outra forma. No caso, o exposto por eles foi com a faculdade; 2,8% (5) afirma ser com familiares; daqueles que possuem filhos, 2,2 (4) mencionam gastar sua renda com os mesmos; da mesma forma aqueles que são casados, com um mesmo percentual, 2,2% (4), afirmaram que gastam sua renda com o cônjuge; e somente 1,1% (2) admitem gastar seus rendimentos com os amigos.

Investigou-se também a respeito de os costumes familiares influenciarem os alunos nas suas decisões de consumo em hábitos, como vestir, comer, lazer e, como resultado, nota-se que a maioria, 57,3% (102), concordou parcialmente que os costumes familiares influenciam suas decisões de consumo. Assim sendo, pode-se afirmar que apenas em algumas coisas os hábitos familiares influenciam, ao contrário de 18% (32) dos alunos, que concordam totalmente com o exposto. Apenas 15,2% (27) se mostrarem indiferentes; 5,1% (9) discordam parcialmente, e 3,9% (7) discordam totalmente da afirmação realizada.

Salienta-se que este diagnóstico da situação atual envolvendo questões referentes à renda e aos costumes familiares conduzem a um perfil de despesas, fatores importantes na visão de Cherobim e Espejo (2010) para consubstanciar um orçamento, sendo possível, assim, criar um registro das entradas e saídas de recursos dos indivíduos e/ou familiares. Verifica-se, na Tabela 6, a questão da responsabilidade dos alunos para lidar com o dinheiro.

Tabela 6 - Responsabilidade em lidar com o dinheiro

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Concordo totalmente	123	123	69,1%	69,1%
Concordo parcialmente	43	166	24,2%	93,3%
Não concordo nem Discordo	7	173	3,9%	97,2%
Discordo totalmente	1	174	0,6%	97,8%
Discordo parcialmente	4	178	2,2%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Conforme a Tabela 6, percebe-se que 69,1% (123) dos alunos pesquisados concordam totalmente que possuem responsabilidade para lidar com o dinheiro. Tais resultados corroboram com Macedo Jr., Kolinsky e Moraes (2011) ao mencionarem que, quando o homem passou a estudar, a compreender suas decisões e a buscar quantificar os riscos das suas escolhas, passou também a julgar-se responsável pela situação em que se encontra.

Por isso, planejar-se é algo possível de ser realizado a partir do momento em que se tem consciência das inúmeras facilidades disponibilizadas pelo mercado, como mecanismos de compra, seja por meio de cartão de crédito, carnês, cheque pré-datado, cheque especial, etc. Assim, embora não se tenha o dinheiro disponível naquele momento, com tantas formas de pagamento oferecidas, se não tiver um planejamento, torna-se fácil vir a se endividar.

4.1.2 FORMAS DE PAGAMENTO DAS COMPRAS

No Brasil existem instrumentos de pagamento e crédito que não são utilizados em outras partes do mundo. Bons exemplos disso são o cheque especial e o cheque pré-datado; porém, os mais tradicionais são o crédito pessoal e o crédito direto ao consumidor (EID JÚNIOR, GARCIA, 2005). Entretanto, Barbedo e Camilo-da-Silva (2008) lembram que, qualquer que seja a forma de crédito que se vá utilizar, é preciso pensar antes se aquele bem ou produto que está se comprando é realmente necessário. Diante do exposto, em relação às compras segue, na Tabela 7, como os alunos costumam, geralmente, efetuar o pagamento das mesmas.

Tabela 7 - Costume adotado para pagamento das compras

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Sempre à vista. Não costumo fazer prestações	29	29	16,3%	16,3%
Às vezes a prazo, às vezes à vista, mas normalmente à vista	90	119	50,6%	66,9%
Às vezes a prazo, às vezes à vista, mas normalmente a prazo	55	174	30,9%	97,8%
Sempre a prazo. Costumo sempre fazer prestações	4	178	2,2%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Pelo estudo na Tabela 7, identifica-se que 50,6% (90) têm como costume pagar suas compras à vista; outros 30,9% (55) admitem que pagam normalmente a prazo; enquanto 16,3% (29) mencionaram que não costumam fazer prestações e, em

contrapartida, 2,2 (4) alegam que sempre têm como hábito fazer prestações no momento de pagar as compras efetuadas. Neste contexto, consta na Tabela 8 a forma utilizada pelos alunos no momento de pagarem as suas compras.

Tabela 8 - Forma utilizada para pagamento das compras

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Dinheiro	99	99	55,6%	55,6%
Cartão de débito	37	136	20,8%	76,4%
Cartão de crédito	34	170	19,1%	95,5%
Carnê da loja	8	178	4,5%	100%
Cartão da loja	0	-	0,0%	-
Outra	0	-	0,0%	-
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

De acordo com a Tabela 8, a maioria, 55,6% (99), faz uso do dinheiro como forma de pagar as compras, enquanto 20,8% (37) e 19,1% (34) utilizam o cartão de débito e o cartão de crédito, respectivamente. A respeito dos cartões, Macedo Jr., Kolinsky e Moraes (2011) alertam que eles existem algumas desvantagens, tais como anuidades, juros, compras por impulso, assim como o limite do cartão.

Todavia, a maior parte destas desvantagens pode ser evitada com o uso racional desse instrumento para o pagamento das compras, devendo ser utilizado com cuidado e planejamento. Se não existir um controle nos gastos, assim como se houver o uso indiscriminado do cartão de crédito, bem como das outras formas oferecidas pelo mercado, a facilidade de acesso ao crédito pode levar o indivíduo ao seu endividamento.

4.1.3 ENDIVIDAMENTO PESSOAL

No entendimento de Ferreira (2008) vive-se uma onda consumista, por um lado impulsionada pela facilidade de acesso ao crédito, acompanhada pela variedade de produtos e, por outro lado, parece existir certa complacência a respeito das renegociações quando se

trata de dívidas em atraso. Isso pode ser justificado considerando que é melhor receber parte do valor devido do que correr o risco de não receber nada. Sob este enfoque, Ribeiro et al (2009) acrescentam que, diante desse consumo excessivo por parte dos indivíduos, muitos deles acabam contraindo dívidas e, conseqüentemente, comprometendo boa parte da sua renda, o que, por sua vez, muitas vezes, faz com que o mesmo venha a se tornar inadimplente no mercado por não conseguir honrar com seus compromissos financeiros assumidos.

No caso dos alunos da amostra pesquisada, quando questionados sobre se sabiam ou não o quanto era devido por eles em lojas, cartão de crédito ou banco, verificou-se que 79,8% (142), ou seja, a maioria, afirma que sabe o valor devido, seja em lojas, cartão de crédito ou banco. Os demais, representando 14% (25), concordam parcialmente com a afirmação realizada; já 4,5% (8) são indiferentes; outros 1,1% (2) discordam parcialmente e 0,6% (1) discordam totalmente que tem conhecimento do valor devido.

A respeito de possuir dívidas e/ou financiamentos, os resultados obtidos revelam que a maioria dos pesquisados, 62,4% (111), afirma não ter nenhum tipo de compromisso financeiro; em contrapartida, 37,6% (67) admitem que o possui. Todavia, talvez seja possível justificar tais resultados a partir do entendimento de que os alunos não consideram o fato de ter prestações em lojas, bem como o parcelamento de compras no cartão/carnê ou cheque como um tipo de dívida e/ou financiamento, mas apenas entendem como tal somente aquelas adquiridas por meio de instituições financeiras.

Deste modo, Ferreira (2008) comenta que é algo muito comum quando as pessoas se veem diante da perspectiva de se endividar optar pelo crédito, sem pensar no que está por vir na seqüência, ou seja, o pagamento do dinheiro tomado e ainda dos juros, pensando apenas na disponibilidade imediata do dinheiro. Visando a investigar melhor esses casos de dívidas e/ou financiamentos por parte dos alunos, apresenta-se a Tabela 9 com os respectivos resultados.

Tabela 9 - Tipos de dívidas e/ou financiamentos

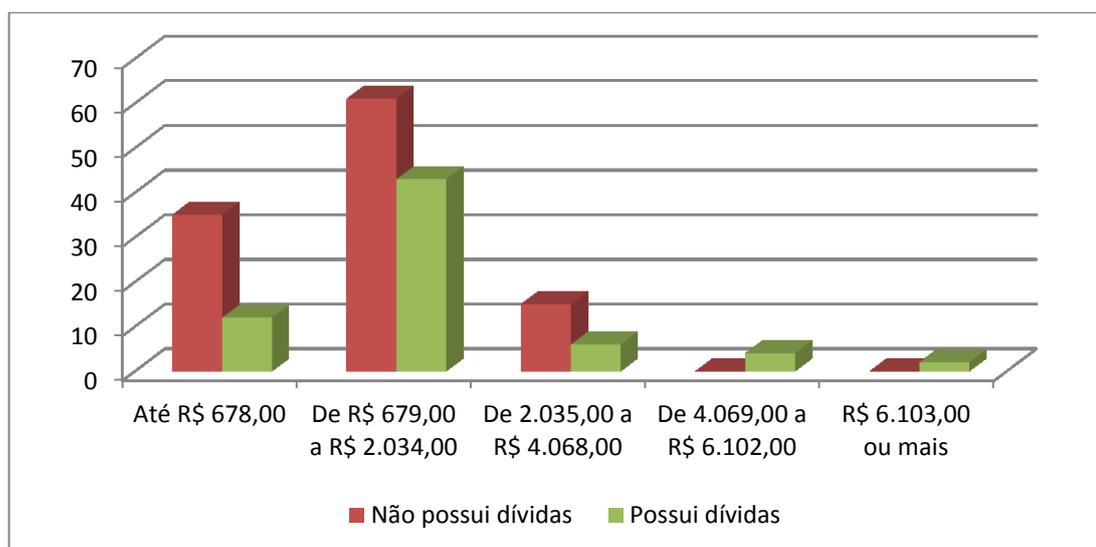
	Frequência	Frequência absoluta	Frequência	Frequência relativa
--	------------	---------------------	------------	---------------------

Opções de resposta	absoluta	acumulada	relativa	acumulada
Cheque especial	3	3	4,5%	4,5%
Cartão de crédito	14	17	20,9%	25,4%
Crediário (loja, mercado)	9	26	13,4%	38,8%
Empréstimo pessoal	9	35	13,4%	52,3%
Financiamento bem móvel (carro, moto, etc.)	18	53	26,9%	79,1%
Financiamento bem imóvel (casa, terreno, etc.)	13	66	19,4%	98,5%
Outro	1	67	1,5%	100,0%
Total	67		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Observa-se, na Tabela 9 que, daqueles que possuem dívidas e/ou financiamentos, estas são referentes ao financiamento de um bem móvel (carro, moto, etc.), o que representa 26,9% (18) dos alunos; em seguida, percebe-se a situação daqueles que possuem dívida no cartão de crédito, 20,9% (14); e, ainda, aqueles que se endividaram em razão do financiamento de um bem imóvel (casa, terreno, etc.), com um percentual de 19,4% (13). Neste contexto, a Figura 2 demonstra a relação entre as dívidas e/ou financiamentos e a renda dos alunos pesquisados.

Figura 2 – Dívidas e/ou financiamentos *versus* renda bruta mensal



Fonte: Dados de pesquisa (2013).

Ao visualizar a Figura 2, na relação entre aqueles pesquisados que possuem dívida e/ou financiamentos e a renda dos mesmos, destacam-se, representando 41,3% (43), os alunos que têm renda de R\$ 679,00 a R\$ 2.034,00. A partir destes dados, em conjunto com o analisado anteriormente, percebe-se que entre os três principais tipos de dívidas e/ou financiamentos que os alunos possuem estão à aquisição de um bem móvel e/ou imóvel e o cartão de crédito.

Sobre a análise se a respectiva dívida e/ou financiamento encontrava-se em situação de atraso pelo aluno, percebe-se que, daqueles que possuem algum tipo de dívida, 33,1% (59) dos alunos mencionam que as mesmas não estão em atraso; e somente 4,5% (8) admitem que suas dívidas e ou/financiamentos estão com a data de pagamento vencido, portanto, em atraso. Sobre as razões para que a respectiva dívida e/ou financiamento se encontre em atraso exibe-se, na Tabela 10, a razão atribuída pelos alunos.

Tabela 10 - Principal razão para sua dívida e/ou financiamento estar em atraso

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Falta de planejamento	9	9	13,4%	13,4%
Desemprego ou queda na renda	2	11	3,0%	16,4%
Alta taxa de juros	0	11	0,0%	16,4%
Alta propensão ao consumo	0	11	0,0%	16,4%
Má gestão orçamentária	4	15	6,0%	22,4%
Fácil acesso ao crédito	19	34	28,4%	50,7%
Investimento pessoal em um bem	29	63	43,3%	94,0%
Outra razão	4	67	6,0%	100,0%
Total	67		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Nota-se, na Tabela 10, que o principal motivo atribuído pelos alunos para que sua dívida e/ou financiamento esteja em atraso foi por ter realizado um investimento pessoal em um bem (móvel e/ou imóvel) 43,3% (29); seguido pela questão da facilidade de

acesso ao crédito, 28,4% (18). Considerando o crescimento econômico do país e os incentivos do governo para que a casa própria ficasse mais acessível à população com menor poder aquisitivo, percebe-se que isso contribuiu para que muitos se endividassem com o financiamento realizado, porque não conseguiram pagar as prestações assumidas.

Em posse desses dados é importante destacar que, nos últimos anos, conforme Rolnik e Klink (2011), o Brasil tem vivido uma fase de crescimento econômico sólido, sendo marcado também por uma mudança na forma de conduzir a política econômica do país. Assim sendo, os ambientes macroeconômicos e de negócios, por sua vez, resultaram em uma combinação que continuou a impulsionar a elevação do setor imobiliário, provocando oportunidades para tomadores e doadores de recursos neste setor (ANUÁRIO UQBAR, 2012).

Em seguida, foi realizada a seguinte afirmação aos alunos: *“Não há problema ter dívida, pois sei que posso pagar!”*. Ao analisar as respostas obtidas, com exceção daqueles que são indiferentes 16,9% (30), pode-se afirmar que, em um extremo, os resultados estão equilibrados entre aqueles que concordam totalmente 30,9% (55) e concordam parcialmente 31,5% (56) referente a não ter problema em possuir dívidas, já que se julgam capazes de pagar. E no outro extremo estão aqueles que discordam totalmente 12,9% (23) e discordam parcialmente 7,9% (14), ou seja, que não consideram a questão de ter dívida como um problema, pois avaliam que tem capacidade de pagar.

Os dados obtidos corroboram o chamado excesso de confiança trazido por Mosca (2009), ou seja, que leva o indivíduo a julgar-se capaz de ter autocontrole sobre determinada situação. Já que isso pode ter repercussões nas finanças, Varian (2012, p. 597, grifos do autor) complementa que *“os homens (pelo menos alguns) tendem a achar que seu sucesso sempre resulta de suas próprias habilidades, sem interferência da sorte fortuita, e isso os torna excessivamente confiantes”*. No caso das mulheres, o autor considera que as mesmas tendem a ser mais realistas do que os homens.

Entretanto, independente disso, é preciso ser criativo e determinado quando se trata dos objetivos de longo prazo, considerando tantas opções imediatas para o consumo e suas facilidades e, para isso, existe a educação financeira.

4.2.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Na percepção de Eid Júnior e Garcia (2005), aprender o valor do dinheiro é algo muito importante, e para lidar com as finanças pessoais, exige-se a habilidade para tratar adequadamente o dinheiro. Contribuindo neste sentido, a educação financeira ajuda a estabelecer essa relação positiva e saudável com o dinheiro, e ela deve começar desde cedo, ainda quando criança.

Assim sendo, no que tange aos gastos pessoais, constata-se que 43,8% (78) dos alunos do Curso de Ciências Contábeis pesquisados afirmam que gastam menos do que ganham; em seguida, 36% (64) revelam que costumam gastar igual ao que ganham; outros 10,1% (18) admitem que gastam mais do que ganham; já 6,2% (11) reconhecem que tem como hábito gastar muito mais do que ganham; e somente 3,9% mencionaram que, com seus gastos pessoais, eles gastam muito menos do que ganham. Envolvendo a questão do planejamento dos gastos pessoais dos alunos, apresenta-se a Tabela 11.

Tabela 11 - Planejamento dos gastos pessoais

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Sempre	75	75	42,1%	42,1%
Frequentemente	73	148	41,0%	83,1%
Raramente	22	170	12,4%	95,5%
Nunca	8	178	4,5%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Sobre o planejamento dos gastos pessoais verifica-se, na Tabela 11, que 42,1% (75) dos alunos dizem que sempre costumam planejar os mesmos; já 41% (73) apontam que frequentemente o fazem. Portanto, constata-se que tais dados, somados, atingem o percentual de 83,1% (148); logo, isso pode ser considerado um fator positivo.

Eid Júnior e Garcia (2005) lembram que o planejamento da vida financeira é muito importante, já que permite que os sonhos possam ser realizados, bem como faz com

que seja possível enfrentar eventuais problemas com tranquilidade. Pelo estudo na Tabela 12 é possível identificar a relação entre os gêneros com o propósito de investigar quem costuma planejar mais.

Tabela 12 – Planejamento dos gastos pessoais *versus* sexo

Sexo	Planejamento	Sempre		Frequentemente		Raramente		Nunca		Total
		Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	
Feminino		42	40,4%	43	41,3%	14	13,5%	5	4,8%	104
Masculino		33	45,0%	30	40,5%	8	10,8%	3	4,1%	74
Total										178

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

De acordo com a Tabela 12, constata-se que o gênero masculino tem um cuidado maior quando o assunto são os gastos pessoais, já que 45% dos alunos têm como costume sempre adotar um planejamento; em contrapartida, somente 40,4% das alunas sempre o fazem. Isso vai ao encontro do que afirma Bussinger (2005), ao considerar que as mulheres, quando se trata das suas próprias finanças, em comparação com os homens, precisam de maior atenção, já que não costumam ter o controle dos seus gastos como os homens têm.

A respeito de planejar os gastos pessoais *versus* a idade dos alunos, constam na Tabela 13 os dados obtidos a partir do cruzamento com tais variáveis.

Tabela 13 – Planejamento dos gastos pessoais *versus* idade

Idade	Planejar gastos pessoais	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca	Total
Até 17 anos		2	2	0	1	5
De 18 a 25 anos		41	43	14	5	103
De 26 a 35 anos		27	22	8	1	58
De 36 a 45 anos		5	5	0	1	11
Mais de 46 anos		0	1	0	0	1
Total						178

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Identifica-se, na Tabela 13, que os alunos que possuem de 18 a 25 anos sempre (41) e frequentemente (43) costumam planejar seus gastos; mesmo caso dos alunos que estão na faixa etária dos 26 a 35 anos, já que estes revelam que sempre (27) e frequentemente (22) têm como hábito adotar o planejamento no que se refere aos seus gastos pessoais. Em continuidade, na Tabela 14 foi indagado se os alunos costumam ter uma planilha de controle dos gastos pessoais.

Tabela 14 - Utilização de planilha de controle de gastos

Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência absoluta acumulada	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
Não	90	90	50,6%	50,6%
Sim	88	178	49,4%	100%
Total	178		100%	

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Conforme a Tabela 14 nota-se que, em um resultado muito equilibrado, 50,6% (90) dos alunos dizem que não tem como hábito fazer o controle dos seus gastos pessoais em uma planilha; em contrapartida, 49,4% (88) afirmam que tem como costume adotar uma planilha visando a controlar melhor seus gastos.

Sob esse enfoque, Kobori (2011) afirma que, com a estabilidade trazida pela implantação do Plano Real, em 1994, tornou-se possível adotar mecanismos de planejamento, seja em âmbito pessoal e/ou empresarial. Para isso, basta ter disciplina para controlar os gastos, não existindo uma fórmula, mas cada um precisa adequar a sua realidade (HOJI, 2010).

Em relação ao costume ou não dos alunos de poupar a sua renda, percebe-se que 39,3% (70) dos alunos pesquisados frequentemente costumam poupar; enquanto 32,6% (58) afirmam que raramente tem esse costume; ainda, 21,3% (38) declararam que sempre tem esse hábito; e somente 6,7% (12) admitem que nunca costumam poupar. Estes resultados vão ao encontro do exposto por Eid Júnior e Garcia (2005), ao mencionarem que se vive em um mundo de consumo.

Complementarmente, Trindade, Righi e Vieira (2012, p. 720) concordam que “a sociedade moderna apresenta como principal característica a cultura do consumo, a partir do qual os indivíduos associam felicidade e *status* social ao ato de comprar bens”. Sob este enfoque, Ninis e Bilibio (2012) acrescentam, ainda, que nunca se está satisfeito, onde o ato de comprar, às vezes, chega a ser compulsivo e irracional.

Por isso, embora as pessoas até possam estar de fato determinadas a poupar, nem sempre é isso que fazem, já que a recompensa imediata em gastar acaba sendo maior do que a de poupar (FERREIRA, 2008). Inclusive, estudos sobre finanças comportamentais, conforme os de Lucena et al (2010), contestam o pressuposto da racionalidade na tomada de decisão; assim, é preciso levar em consideração não apenas os conceitos da economia e finanças, mas também da psicologia cognitiva, que retrata que o indivíduo está sujeito a vieses comportamentais.

Neste caso, entre os vieses está o que Varian (2012) identifica como viés do desconto; ou seja, o indivíduo pode até se planejar para o futuro; entretanto, quando o mesmo chegar, ele vai optar por algo diferente do que havia sido planejado. Na Tabela 15 consta a relação costuma poupar *versus* sexo da amostra de alunos considerada neste estudo.

Tabela 15 - Costuma poupar *versus* sexo

Sexo	Costuma poupar	Sempre		Frequentemente		Raramente		Nunca		Total
		Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	
Feminino		18	17,3%	41	39,4%	35	33,7%	10	9,6%	104
Masculino		20	27,0%	29	39,2%	23	31,1%	2	2,7%	74
Total										178

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Percebe-se, na Tabela 15, que o gênero masculino costuma poupar mais do que o gênero feminino, visto que 27% dos alunos sempre pouparam, contra 17,3% das alunas. Contudo, é importante destacar que a decisão de poupar ou não, por parte de um indivíduo, pode colidir com outras determinações em uma mesma família (FERREIRA, 2008).

Em uma análise geral a respeito de planejar os gastos pessoais, como também poupar, os homens, apesar da pouca diferença entre os pesquisados, apresentam mais disciplina do que as mulheres nesse sentido, pois costumam poupar mais do que elas. Em relação à idade e o planejamento dos gastos pessoais, os alunos mostraram-se preocupados com essa questão de planejar, considerando que as respostas obtidas se concentraram, basicamente, nas opções “sempre” e “frequentemente” em todas as faixas etárias.

Pode-se afirmar, ainda, que a maioria dos alunos pesquisados demonstrou ter consciência dos seus rendimentos, bem como saber lidar com suas finanças pessoais. Estes dados reforçam o exposto por Cherobim e Espejo (2010) onde, a partir da implantação do Plano Real, em julho de 1994, a inflação no Brasil diminuiu e os indivíduos, por sua vez, começaram a ter referências de preços e mais noção de valor, assim como valorizar mais seu próprio dinheiro, tanto no sentido de gastar como no sentido de guardar.

Constatou-se também que, normalmente, os alunos costumam pagar suas compras à vista, utilizando, como forma de pagamento, o dinheiro e, em relação às dívidas e/ou financiamentos que possuem, estes se referem à aquisição de um bem móvel e/ou imóvel e com o cartão de crédito, sendo poucos os que estão com as mesmas em atraso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a questão da estabilidade no trabalho há muito tempo declinou, e com tantas atribuições e afazeres do dia a dia, poucos são aqueles que se preocupam, ou simplesmente param para pensar na questão do planejamento financeiro, bem como adotam algum mecanismo para controle dos gastos em relação as suas próprias finanças.

Mas, em meio a tantas alternativas para o consumo imediato, é extremamente importante que cada pessoa se organize, e isso não cabe apenas às empresas, como alguns ainda pensam, no que se tange ao controle das saídas e entradas de recursos. É importante adotar um planejamento financeiro, seja ele individual ou familiar, contribuindo no sentido de poupar para investir no futuro, assim como estar precavido em um momento de imprevisto.

Neste sentido, com a realização deste estudo, foi possível identificar, em relação ao perfil dos alunos do Curso de Ciências Contábeis, que a maioria é do sexo feminino, com idade entre 18 a 25 anos, solteiras, não possui filhos e tem como religião a católica. Pode-se, assim, afirmar que esse perfil reflete muito a nova sociedade, porque as mulheres vêm cada vez mais conquistando seu espaço em um lugar que antes era dominado pelos homens e, para isso, investem na sua qualificação profissional. Por essa razão elas também estão optando por casar/constituir família cada vez mais tarde, já que buscam independência financeira, o que por, sua vez, vem provocando uma redução no número de filhos por família, ou até nem possuem filhos.

Em relação às finanças pessoais, constatou-se que a maioria dos alunos trabalha em empresa privada, possui renda entre R\$ 679,00 a 2.034,00 e gasta sua renda consigo mesmo e com a casa, fato justificado considerando que são solteiros e não possuem filhos. Também se verificou que são jovens que tem sua própria opinião, pois os mesmos não são totalmente influenciados pelos costumes familiares, assim como se consideram responsáveis para lidar com o dinheiro onde, normalmente, pagam suas compras à vista, fazendo uso do dinheiro como forma de pagamento.

A respeito das dívidas e/ou financiamentos que alguns alunos possuem, estas decorrem principalmente em função da aquisição de um bem móvel e/ou imóvel e com o cartão de crédito, onde apenas 4,5% encontra-se com suas dívidas e/ou financiamentos em situação de atraso. Os alunos revelaram, ainda, que gastam menos do que ganham e, apesar de não ter uma planilha para controle dos seus gastos, costumam planejar sempre e frequentemente, bem como poupar frequentemente.

Sendo assim, considerando que este estudo limitou-se a pesquisar apenas alunos do Curso de Ciências Contábeis de uma Instituição Privada de Ensino, sugere-se, como novas pesquisas, envolver outros cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas, como os Cursos de Administração e Ciências Econômicas, a fim de que se possa realizar um comparativo entre tais cursos. Em outras palavras, verificar como alunos de áreas afins, mas, em cursos diferentes, lidam com suas finanças pessoais. Sugere-se também, visando a agregar ainda mais ao tema, que a partir deste estudo se busque novas pesquisas envolvendo uma instituição pública de ensino, com o propósito de verificar se o comportamento observado

nesta pesquisa se repete, assemelha-se ou será completamente o oposto por se tratar de uma instituição privada.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, M. Implications of behavioural economics for financial literacy and public policy. **The Journal of Socio-Economics**, v. 41, n. 5, p. 677-690, out. 2012.

ANUÁRIO UQBAR. **Securitização e financiamento imobiliário** - 2012. Disponível em: <http://www.uqbar.com.br/download/Uqbar_Anuario_Imobiliario_2012.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2013.

ARNETT, J. J. **Emerging adulthood**: the winding road from late teens through the twenties. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BARBEDO, C. H.; CAMILO-DA-SILVA, E. **Finanças comportamentais**: pessoas inteligentes também perdem dinheiro na bolsa de valores. São Paulo: Atlas, 2008.

BERNANKE, B. S. **Statement by chairman bernanke on financial literacy**. Washington: Board of Governors of the Federal Reserve System, v. 20, Abr. 2011.

BERNARD, T. S. Working financial literacy in with the three R's. **The New York Times**, New York edition, v. 10, Abr. 2010.

BERNHEIM, B. D.; GARRETT, D. M.; MAKI, D. M. Education and saving: the long-term effects of high school financial curriculum mandates. **Journal of Public Economics**, v. 80, n. 3, p. 435-465, Jun. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resumo técnico**: censo da educação superior de 2009. 2010. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo_tecnico2009.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2013.

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. Financial literacy: an overview of practice, research, and policy. **Federal Reserve Bulletin**, v. 88, p. 445-457, Nov. 2002.

BUSSINGER, E. **As leis do dinheiro para as mulheres**. São Paulo: Campus, 2005.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. dos S. B. (Orgs.). **Finanças pessoais**: conhecer para enriquecer! São Paulo: Atlas, 2010.

COLLINS, J. M. The impacts of mandatory financial education: Evidence from a randomized field study. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 95, p. 146-158, November 2013.

Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v.7, n.2, mai./ago. 2014.

DALFOVO, O.; SCHIRMANN, F. R.; CORREIA, R. B. A utilização do observatório da educação como inteligência competitiva em uma instituição de ensino superior. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v. 3, n. 2, jul./dez. 2010.

DOI, Y.; MCKENZIE, D.; ZIA, B. Who you train matters: Identifying combined effects of financial education on migrant households. **Journal of Development Economics**, v. 109, p. 39-55, July 2014.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira**: quebre o ciclo de gerações endividadas e construa sua independência financeira. São Paulo: Elevação, 2007.

EID JÚNIOR, W.; GARCIA, F. G. **Finanças pessoais**: como fazer o orçamento familiar. São Paulo: Publifolha, 2005.

FERREIRA, V. R. de M. **Psicologia econômica**: como o comportamento econômico influencia nas nossas decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

GAVA, F. W. As finanças pessoais: entendendo os problemas financeiros e balanceando o orçamento doméstico. 2004. 54 f. **Monografia** (Trabalho de Conclusão de Curso) – Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

HOJI, M. **Finanças de família**: o caminho para a independência financeira. 2. ed. São Paulo: Cia. dos Livros, 2010.

HSU-TONG, D.; LI-CHIU, C.; NAI-YUNG, T.; TSENG-CHUNG, T.; CHUN-LIN, C. Influence of financial literacy of teachers on financial education teaching in elementary schools. **International Journal of e-Education, e-Business, e-Management and e-Learning**, v. 3, n. 1, p. 68-73, February 2013.

KOBORI, J. **Análise fundamentalista**: como obter uma performance superior e consistente no mercado de ações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LOIBL, C.; FISHER, P. J. Academic discipline and personal finance instruction in high school. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 24, n. 1, p. 15-33, 2013.

LUCENA, W. G. L.; MELO, E. G. de; RABELO, V. de V.; MARCELINO, G. F. Os efeitos comportamentais na tomada de decisão dos gestores de micro e pequenas empresas: um estudo em empresas do ramo de confecções. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v. 3, n. 2, jul./dez. 2010.

LUQUET, M.; ASSEF, A. (Orgs.). **Você tem mais dinheiro do que imagina**: um guia para suas finanças pessoais. São Paulo: Saraiva, 2006.

MACEDO JR., J. S.; KOLINSKY, R.; MORAIS, J. C. J. de. **Finanças comportamentais**: como o desejo, o poder, o dinheiro e as pessoas influenciam nossas decisões. São Paulo: Atlas, 2011.

MANDELL, L. **Press release announcing results of 2008 high and college survey**. Washington: JumpStart Coalition for Personal Financial Literacy, 2008.

Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v.7, n.2, mai./ago. 2014.

MARTINS, G. de A. **Estatística geral e aplicada**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOSCA, A. **Finanças comportamentais**: gerencie suas emoções e alcance sucesso nos investimentos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

NEU, D.; SILVA, L.; GOMEZ, E. O. Diffusing financial practices in Latin American higher education: understanding the intersection between global influence and the local context. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 21, n. 1, p. 49-77, 2008.

NINIS, A. B.; BILIBIO, M. A. Homo sapiens, homo demens e homo degradandis: a psiquê humana e a crise ambiental. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n.1, p. 46-55, 2012.

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. Assessoria de Comunicação Social. **OECD's Financial Education Project**. OCDE, 2004. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>> Acesso em: 28 jan. 2013.

OLIVEIRA, N. C. G. de; TERRA, L. A. A. Prevalência das escolas de pensamento estratégico na implantação de sistemas ERP em concessionárias de veículos. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 192-228, jan./abr. 2013.

PERRY, V. G. Is ignorance bliss? Consumer accuracy in judgments about credit ratings. **Journal of Consumer Affairs**, v. 42, p. 189-205, 2008.

PIRES, V. **Finanças pessoais fundamentos e dicas**. Piracicaba: Editora Equilíbrio, 2006.

PIZZINATTO, N. K.; FARAH, O. E. (Orgs.). **Pesquisa pura e aplicada para marketing**: processos e aplicações. São Paulo: Atlas, 2012.

REINA, D.; NUNES, P.; MACEDO JUNIOR, J. S.; FRITZEN, F.; REINA, D. R. M. Finanças comportamentais: uma investigação acerca da tomada de decisão dos formandos em administração e ciências contábeis com base nas ideias de Higgins. **Enfoque: Reflexão Contábil**, Paraná, v. 27, n. 3, p. 32-44, set./dez. 2008.

RIBEIRO, C. do A.; VIEIRA, K. M.; SANTOS, J. H. de A.; TRINDADE, L. de L.; MALLMANN, E. I. Finanças pessoais: análise dos gastos e da propensão ao endividamento em estudantes de administração. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 12., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SEMEAD, 2009. CD-ROM.

ROLNIK, R.; KLINK, J. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias? **Novos estudos** - CEBRAP. São Paulo, n. 89, p. 89-109, 2011.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. de A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SCHMITT, C. da S.; HAYDE, C. T. von der; DREHER, M. T. Sustentabilidade como vantagem competitiva: uma análise bibliométrica. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 157-174, mai./ago. 2013.

Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v.7, n.2, mai./ago. 2014.

SHIM, S.; BARBER, B. L.; CARD, N. A.; XIAO, J. J.; SERIDO, J. Financial socialization of first-year college students: the roles of parents, work, and education. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 39, n. 12, p. 1457-1470, Dez. 2010.

SIMKOVA, M.; STEPANEK, J. Usage of IT to support teaching in the financial education program. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 83, n. 4, p. 454-457, Jul.2013.

TAVARES, W.; CASTRO, C. C. de. Estratégia de produção e seu suporte à competição: o caso da empresa delícias do trigo no mercado de panificados. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 26-53, jan./abr. 2013.

TRINDADE, L. de L. Determinantes da propensão ao endividamento: um estudo nas mulheres da mesorregião centro ocidental rio-grandense. 2009. 101 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, 2009.

TRINDADE, L. DE L.; RIGHI, M. B.; VIEIRA, K. M. De onde vem o endividamento feminino? Construção e validação de um modelo PLS-PM. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, ed.73, n. 3, p. 718-746, set./dez. 2012.

VAHIDOV, R.; HE, X. Situated DSS for personal finance management: design and evaluation. **Information & Management**, v. 47, n. 2, p. 78-86, March 2010.

VARIAN, H. R. **Microeconomia**: uma abordagem moderna. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J.; RIBEIRO, M. L.; LOHMANN, G. G. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Paraná. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, ed. 12, São Paulo, 2009. **Anais...** São Paulo: SEMEAD, 2009. CD-ROM.

WAY, W. L.; HOLDEN, K. C. Outstanding AFCPE® : conference paper teachers' background and capacity to teach personal finance: results of a national study. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 20, n. 2, 2009.